

Representações de família e visão de mundo entre as Testemunhas de Jeová Santo Estevão/ Ba (1970-2001)

CAMILA NOÊMIA RENER SANTOS BASTOS*

Este trabalho tem como objetivo analisar as representações de família e, por conseguinte, as relações de gênero, entre as Testemunhas de Jeová, na cidade de Santo Estevão, Bahia, no período de 1970 a 2001, e a visão de mundo criada pelo grupo a partir da construção de uma identidade coletiva pautada na negação de outras formas de crer e no afastamento das práticas mundanas¹. Representações construídas a partir do discurso produzido pela Organização Torre de Vigia, através de seu Corpo Governante, com suas publicações impressas, como livros e revistas.

Santo Estevão é uma cidade do interior baiano, localizada à 40 km de Feira de Santana, uma das principais cidades da Bahia, grande entreposto comercial. A base de sua economia é a agricultura, principalmente de gêneros agrícolas como, feijão, milho, fumo, mandioca, laranja e castanha de caju. Durante o período estudado pela pesquisa, 1970 à 2001, houve a inserção das Testemunhas de Jeová na cidade, através do trabalho pioneiro de alguns irmãos da Congregação do Alto do Saldanha, Brotas, Salvador, numa cidade majoritariamente católica, e, em 2001, a construção, em 21 dias, do templo localizado numa das principais avenidas da cidade, a Avenida Teixeira de Freitas.

As Testemunhas de Jeová reproduzem o discurso cristão da submissão feminina, cabendo ao homem tomar decisões e a responsabilidade maior na orientação dos membros da família nos “caminhos de Jeová”². Desta forma, o papel da esposa é a de auxiliá-lo nesta tarefa, dando-lhe o suporte necessário para que a autoridade masculina seja exercida e respeitada.

* Mestranda pelo Programa de Pós Graduação em História - Mestrado, pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), Bahia; orientadora, Dr.^a Elizete da Silva.

¹ O mundo, também chamado pelo grupo de *sistema de coisas*, são valores, costumes e estilos de vida radicalmente diferentes e até mesmo conflitantes com o estilo de vida do fiel Testemunha. (O Reino de Deus – Nosso Iminente Governo Mundial, Torre de Vigia, 1977)

² O Segredo de uma família Feliz, 1996, p. 59.

Conforme R.C., ancião de congregação no Salão do Reino das Testemunhas de Jeová em Santo Estevão, quando perguntado sobre a participação feminina no trabalho do grupo, ele diz

A mulher tem oportunidade para fazer tudo, né, tudo com ...entre aspas. Em falta de varão a mulher toma a dianteira e faz tudo que o homem faz, em falta de varão, mas quando tem varão qualificado, sempre quem toma a dianteira é o homem. E a mulher comenta, faz parte, faz muitas coisas para honra e glória do nome de Jeová. (R.C., 03 de julho de 2009)

Esta colocação do ancião R.C. diz respeito ao trabalho de evangelização realizado pelo grupo, que inclusive os torna conhecido pela população, não apenas santo-estevense como em todos os lugares em que há a presença das Testemunhas de Jeová. Antes de sair para o trabalho proselitista é feito um momento de oração no templo, e as mulheres só assumem este momento, se não houver “varão qualificado”, ou seja, homens em idade adulta e batizados. Só, e apenas neste caso, a mulher, com a cabeça coberta por um véu, assume a “dianteira”, como afirma o ancião. Em outros momentos, como a direção da reunião, do estudo das revistas *A Sentinela e Despertai!*, o proferimento do discurso público, além dos cargos de liderança, como servo ministerial, anciãos, dentro da congregação, não é dado às mulheres o direito de assumirem.

A naturalização deste discurso androcêntrico entre os fiéis resulta uma perspectiva subalterna da mulher, que tem como papel principal apoiar o marido em suas decisões no interior da família, além dela não exercer cargos na congregação religiosa, função exclusiva dos homens. A hierarquia nos papéis de gênero tem como embasamento a própria Bíblia, ou as interpretações feitas, por grupos cristãos, católicos, protestantes e dissidentes, de alguns trechos da mesma, como a ideia de culpabilidade de Eva pelo pecado original e o consequente castigo divino pelo erro cometido. Dessa maneira, a mulher só encontra redenção ao aceitar seu lugar de submissa, tanto ao seu marido, como às lideranças locais do grupo, os anciãos.

Bianca Almeida (2006) em sua dissertação de Mestrado intitulada *Um História das Mulheres Batistas Soteropolitadas*, pela UFBA, analisou a história e participação das mulheres na denominação batista, entre 1930 a 1960, através de organizações, como a União Feminina Missionária Batista do Brasil, e as representações sobre as mulheres que o discurso

cristão batista constrói e que se manifesta na prática dessas mulheres, principalmente, em seu importante apoio às lideranças masculinas. Almeida (2006) trabalhou com mulheres batistas da Comunidade Batista de Plataforma, com composição social formada pelas classes populares, e a Comunidade Batista Sião, no bairro do campo Grande, comunidade formada por pessoas das classes média e alta.

No capítulo dois, *Filhas de Eva*, em sua análise sobre a imaginário cristão acerca da mulher, Bianca Almeida (2006) ressalta que,

A interpretação patriarcal do mito de Eva tem-se perpetuado histórica e socialmente, sobretudo através da retórica e da oratória dos pais da igreja, sendo continuada nos reformadores. O discurso desses homens, ostentando como verdade divina por meio do clero e da publicação de suas leituras, tem oprimido e inviabilizado um número significativo de mulheres, principalmente as latinas e africanas, já marginalizadas por condições sociais, políticas e econômicas ao longo da História

Desta forma, através dos escritos bíblicos, que tem sua origem no Antigo Testamento, com o mito de Adão e Eva e prossegue com os escritos Paulinos, em suas diversas cartas, foi construído e solidificado ao longo da história e através das instituições sociais, principalmente através da família e da religião, as relações desiguais entre os sexos, cabendo à mulher o lugar de sujeição, como consequência de sua desobediência ao Criador.

A Sociologia da Religião também se constitui numa importante contribuição para os estudos históricos. Em se tratando de simbolismos, linguagens e representações o pensamento do sociólogo Pierre Bourdieu em *Economia das Trocas Simbólicas* (1999) se faz necessário para esse trabalho, principalmente, para análise das trocas simbólicas que acontecem no interior do grupo estudado, como e para quem ela é produzida e reproduzida já que BORDIEU (1999) trata essas trocas como uma relação econômica e simbólica ao mesmo tempo; dentro do campo religioso de uma cidade majoritariamente católica e conservadora. A linguagem apresentada pelo grupo, padronização de um estilo de roupa para irem aos cultos, por exemplo, buscam produzir *habitus* entre os fiéis. Como este discurso contribuiu para a construção de um modelo de família e as relações de gênero existentes nela, para os fiéis Testemunhas de Jeová em Santo Estevão, essa é uma das questões discutidas neste trabalho.

[...] a religião permite a legitimação de todas as características de um estilo de vida singular, propriedades arbitrárias que se encontram objetivamente associadas a este grupo ou classe na medida em que ele ocupa uma posição determinada na estrutura social (efeito de consagração como sacralização pela 'naturalização' e pela eternização. (BOURDIEU, 1999, p. 46)

▪ Breve histórico: origens das Testemunhas de Jeová

As Testemunhas de Jeová surgiram no final do século XIX, período de grandes questionamentos da população norte-americana em relação às denominações protestantes históricas. A Guerra de Secessão (1861-1865) trouxe inquietações e decepções, assim como propiciou o surgimento de grupos dissidentes, principalmente os de caráter milenarista, como o citado acima.

Em 1872, Charles Taze Russel, ex-presbiteriano, ex-adventista³, fundou um grupo de estudo, chamado Inquiridores da Bíblia, que tinha como principal objetivo disseminar, através de impressos, as profecias milenaristas, forte influência dos adventistas. Em julho de 1879, Taze Russel e seus colaboradores, incluindo sua esposa, Maria Frances Ackley, começaram a publicar a revista *Zion's Watch Tower and Herald of Christ's Presence*, conhecida popularmente por Watchtower.

O segundo líder das Testemunhas de Jeová, Joseph Franklin Rutherford (1896-1942) foi responsável pela modificação do nome do grupo, de União Internacional dos Inquiridores da Bíblia, para Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados (*Watchtower Bible and Tract Society of New York Inc.*), chamado simplesmente como Torre de Vigia ou a Organização. Uma verdadeira cidade, assim é a sede administrativa das Testemunhas de Jeová, com parque gráfico, templo, morada de um grupo seleta, responsável pelas decisões e direcionamentos dessa confissão religiosa, intitulado Corpo Governante. No final de 1974, o Corpo Governante era formado por dez membros, atualmente são doze membros.

³ Os adventistas cresceram e se fortaleceram nesse período da Guerra Civil Norte-Americana, principalmente, por causa de seu discurso fortemente milenarista. O milênio de Cristo é um dos eventos mais aguardados pelas Testemunhas de Jeová, pois representa para eles o fim da violência e de todos os males que assolam a humanidade, sendo um começo de um tempo de paz e alegria.

Conforme o relato da Exposição Histórica⁴, desde o final do século XIX já existia Testemunhas de Jeová no País. Uma dessas Testemunhas era Sarah Bellona Ferguson. Entretanto a primeira assembléia do grupo no Brasil aconteceu em 1922⁵, quando o então presidente do grupo, Rutherford, passou a ver o Brasil como um País em que o trabalho do grupo poderia ter um bom êxito, devido ao número crescente de assinaturas da revista The Watch Tower (que mais tarde passou a se chamar A Sentinela), a qual era traduzida em espanhol. O primeiro batismo foi realizado em 10 de outubro do ano em questão.

▪ Representações de família entre as Testemunhas de Jeová

A família é uma instituição importante para a manutenção da religião ou religiões, assim como o discurso religioso colabora grandemente para a conservação do modelo patriarcal. Dessa maneira, elas estão unidas de forma consciente ou não, através de um diálogo que envolve a sobrevivência de ambas, uma união duradoura e que muito as beneficia. Ao estudar a relação família e religião, o objetivo central é tentar perceber esse apoio mútuo e como a religião, ou, as práticas religiosas influenciam na construção de *habitus* na família. O modelo familiar ideal produzido pelo discurso da Organização Torre de Vigia, tendo como base principal a Bíblia, resulta em representações e práticas entre os fiéis.

Esse discurso produzido numa realidade distante⁶ culturalmente da sociedade brasileira, que por se só já possui peculiaridades regionais, tenta ser homogeneizante, a partir de seu caráter fundamentalista, transformando numa verdade absoluta e atemporal aquilo que é construído historicamente.

Segundo a socióloga Maria das Dores Machado (1996): “A religião e a família funcionam como uma espécie de mecanismo de equilíbrio, oferecendo ao indivíduo uma ordem integradora e cheia de significados para sua vida em sociedade.” Dessa forma, elas se

⁴ Exposição Histórica da Obra das Testemunhas de Jeová no Brasil (1997)

⁵ CASTRO, Eduardo Góes de. A torre sob Vigia. As Testemunhas de Jeová (1930-1954). Dissertação de Mestrado: USP. São Paulo, 2007.

⁶ A Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados possui sua sede administrativa em Nova York, EUA, local onde é produzido todo o material de áudio, vídeo e literário do grupo e repassado para as Casas Betel, filiais da organização nos países em que eles possuem congregações – mais de 200 locais, desde o período estudado por este trabalho. (BORNHOLDT, 2004)

oferecem como um referencial sob os quais o indivíduo pode se desenvolver de forma completa e segura.

No que diz respeito às Testemunhas de Jeová, a família é vista como responsável pela preservação e propagação dos ensinamentos do grupo, ou melhor, de Jeová Deus, e para que isso aconteça, ela mesma deve lutar pela sua própria sobrevivência, apoiando-se no discurso religioso. E o que o discurso religioso produzido pela Organização Torre de Vigia, através do Corpo Governante tem a dizer a respeito da família? Quais são as representações e habitus que este discurso busca produzir?

No principal livro sobre família, intitulado *O Segredo de uma Família Feliz* (1996) a família é mostrada como a mais antiga e principal instituição terrena, responsável pelo desenvolvimento do ser humano e por uma sociedade bem estruturada. Sendo assim, trabalhar para a preservação e o bem-estar da família torna-se algo fundamental para o fiel Testemunha e para obter isso, é preciso refugiar-se na Bíblia, ou nos discursos produzidos a partir dela. Segundo o mesmo livro:

Conselhos sobre conseguir uma família feliz aparecem de todos os lados (...) Onde, então, podemos encontrar orientação familiar confiável? (...) Essa fonte é a Bíblia. Segundo todas as evidências, ela foi inspirada pelo próprio Deus. Se estiver inclinado a descartar a possibilidade de que a Bíblia possa ajudar a produzir famílias felizes, considere o seguinte: Aquele que inspirou a Bíblia é o Originador do casamento. (Gênesis 2:18-25). A Bíblia diz que seu nome é Jeová. (Salmo 83:18) Ele é o Criador e 'Pai a quem toda família deve seu nome'. (Efésios 3: 14,15) Jeová observa a vida familiar desde o começo da humanidade. Ele conhece os problemas que podem surgir e dá conselhos para resolvê-los. Por toda a História, aqueles que sinceramente aplicaram os princípios bíblicos na sua vida familiar foram os que encontraram maior felicidade. (TORRE DE VIGIA, 1996, pp. 10-11)

Através de exemplos extraídos da Bíblia ou de fiéis de várias partes do mundo, o livro *O segredo de uma Família Feliz* procura inculcar nos membros do grupo que a família precisa de Jeová para ser feliz e, mais que isso, ela precisa seguir, sem questionar, seus ensinamentos e mandamentos. A orientação de Deus para o bom funcionamento familiar perpassa pela organização dentro dela. Essa organização está ligada à distribuição e diferenciação de papéis entre os sexos e pela manutenção do poder masculino e, conseqüentemente, a submissão feminina.

Conforme a historiadora, Elizete da Silva (1998), em sua tese de doutorado, no capítulo *Mulheres Virtuosas e Submissas* a Reforma Protestante, “apesar de não ter transformado radicalmente as concepções e as práticas femininas, trouxe mudanças substanciais nas representações e nos papéis designado às mulheres, comparados com a visão predominante no catolicismo medieval”. (p. 260)

O conceito de vocação com Lutero, segundo a autora, foi ampliado. Não apenas os homens com seus “cargos públicos a eles destinados”, como também as mulheres, em seus “serviços domésticos” (p. 260), cumpriam a vontade do Senhor. No entanto, apesar do sacerdócio universal, em que cada homem e mulher podem se apresentar diante de Deus sem necessidade de intermediários e glorificá-lo através das atividades desempenhadas por eles, de acordo com os papéis de gênero definidos para cada um, a Reforma Protestante não avançou, pelo menos naquele momento, e depois, não em todos os grupos protestantes, no ordenamento de mulheres ao sacerdócio.

Por ser um grupo para-protestante, e que se denomina cristão, as Testemunhas também corroboram com este pensamento: igualdade entre homens e mulheres até um certo limite, e este limite é o poder, seja ele de tomar decisões, de liderar, no lar ou na congregação.

Sara Silva dos Anjos ao estudar *O papel da mulher na expansão e consolidação da Assembléia de Deus em Feira de Santana (1949-1980)* analisa a importância das mulheres assembleianas para o crescimento do grupo, pela grande atuação delas na ação proselitista, mas que, mesmo assim elas estão sempre sujeitas a uma hierarquia, na qual o homem está no topo. Segundo a autora: “a estrutura simbólica da religião é, em muitos aspectos, hierarquizada” (ANJOS, 2008, p.16). As mulheres Testemunhas de Jeová são muito atuantes no serviço de campo, mas não podem ocupar nenhum cargo no grupo, como servo ministerial ou ancião, pois estes são papéis exclusivamente masculino.

Segundo o relato de um jovem casada, Karen⁷: “O homem é a cabeça. As mulheres podem dar opinião. Falando da minha realidade, J.⁸ sempre procura ouvir minha opinião. O

⁷ Foi utilizado pseudônimo para preservar a identidade da entrevistada.

⁸ A inicial refere-se ao esposo da entrevistada

homem é a cabeça e pronto.” No livro *O Segredo de uma Família Feliz* está registrado o seguinte:

A Bíblia nos informa que o homem foi criado com atributos que o capacitaram a ser um bom chefe de família. Como tal, o homem seria responsável perante Jeová pelo bem-estar espiritual e físico de sua esposa e de seus filhos. Teria de fazer decisões equilibradas que refletissem a vontade de Jeová e ser bom exemplo de conduta piedosa. (TORRE DE VIGIA, 1996, p.31)

Ao ler o trecho da entrevista e do texto acima referido, parece uma reprodução do discurso de submissão feminina sem nenhum espaço para a crítica e mudanças, principalmente, quando a fala de uma da entrevistada termina em, *o homem é a cabeça e pronto*. Parece, então, que a discussão se encerra. No entanto, há um limite para a sujeição feminina ao poder masculino, que é o tratamento que o homem dá a ela – se a maltrata verbal ou fisicamente – ou mesmo, não suprindo com o sustento de sua família, estando a mulher, inclusive, livre para pedir o divórcio nesses casos.

Além disso, a necessidade de ouvir a opinião dela é algo salientado pela entrevistada, pois, apesar da chefia do homem sobre o lar, pregado pelo grupo, no final as decisões são tomadas em comum acordo. Segundo Dona Lúcia⁹, em entrevista, afirma que: “o homem é a cabeça, mas a mulher é o pescoço.” Ao mesmo tempo em que ela reconhece e respeita a autoridade masculina, porque essa é dada pelo próprio Jeová, ela entende também que, através do diálogo, e de outras estratégias, como a sedução, por exemplo, a mulher pode fazer com que sua opinião seja ouvida e, até mesmo, sua vontade prevaleça.

De acordo com Lorena¹⁰, jovem solteira, 33 anos, quando começou a fazer parte do grupo, esse discurso de submissão feminina a incomodava, devido a sua própria vivência familiar como também, por, neste período, está começando sua formação acadêmica, num curso de Licenciatura. Filha de pais separados, ela e a irmã – possui outro irmão também – tiveram que apoiar a mãe e assumiram algumas responsabilidades na família, o que a tornou, conforme seu relato, numa mulher independente. A presença paterna não foi tão expressiva

⁹ Entrevista realizada com Jailza Borges, em 27 de agosto de 2009, na casa da entrevistada

¹⁰ Pseudônimo; entrevista realizada com a depoente em sua casa, em fevereiro de 2013.

assim em sua vida, como foi a materna e a chefia do lar, então, coube à mulher, ou às mulheres, em seu caso e, por disso, ser submissa pareceu-lhe algo longe de sua realidade.

A construção da nova identidade de Lorena, a partir do grupo e dos valores compartilhados por eles fez com que ela reformulasse suas concepções anteriores à sua adesão religiosa, reelaborando seu próprio modo de conceber as relações familiares. É importante refletir, como afirma a socióloga Célia Silva (2001), que essa nova identidade não é construída sem conflitos, sejam eles dentro do próprio indivíduo como também do próprio grupo. Assim, “entendemos que é a partir da negociação, aceitabilidade, disputas e conflitos que se constroem a identidade, porém, esses conflitos não ocorrem somente em contraposição, mas também no interior do próprio grupo, pois não existe identidade homogênea e estática.” (p.2)

A importância da família, a naturalização dos papéis de gênero, são discursos produzidos e reproduzidos em grupos religiosos como as Testemunhas de Jeová, que constroem representações e estimulam práticas, que justificam o poder e o controle masculino. Conforme Bourdieu (1999), o objetivo dessa, como de outras representações religiosas, é manter uma estrutura já existente, através de sua legitimação.

Em uma sociedade dividida em classes, a estrutura dos sistemas de representações e práticas religiosas próprias aos diferentes grupos ou classes, contribui para a perpetuação e para a reprodução da ordem social (no sentido de estrutura das relações estabelecidas entre os grupos e as classes) ao contribuir para consagrá-la, ou seja, sancioná-la e santificá-la. (BOURDIEU, 1999, pp. 52, 53)

As representações, o modelo ideal de família é construído com base em interpretações bíblicas, tidas como verdades inquestionáveis, já que as Testemunhas de Jeová, assim como os grupos protestantes, de uma maneira geral, acreditam na infalibilidade da Bíblia e na centralidade dela. Dessa forma, o homem, ao ser a cabeça do lar está apenas exercendo seu poder de fato e de direito e a mulher, ao ser submissa e ajudadora, também está cumprindo seu papel e sendo obediente ao que Jeová diz através de seu Escravo Fiel e Discreto, isto é, àquele que é o representante de Deus na Terra, por meio do qual, Jeová fala a seus fiéis.

Segundo a socióloga Sandra Duarte de SOUZA (2009), “a pressuposição sociocultural de que os homens são naturalmente superiores às mulheres, e, portanto, possuidores de

direitos sobre elas, colabora para a desqualificação das mulheres”, assim como para a perpetuação da violência doméstica, seja ela física ou simbólica, através de uma visão de mundo construída sobre a ideia de dominação e superioridade masculina.

As mulheres Testemunhas de Jeová entrevistadas, reproduzem o texto da hierarquia eclesiástica e estão satisfeitas com o papel subalterno que vivem na comunidade.

▪ “Nós, povo de Jeová”: identidade e visão de mundo

Além da importância da família consaguínea e do bom relacionamento que deve permeá-la, a família da fé também adquire um papel fundamental para as Testemunhas de Jeová, pois, a partir dela, é construída a visão de mundo e a identidade dos fiéis. “Nossa fraternidade mundial”¹¹, como é chamada pelos membros a comunidade de fé, constrói no sujeito uma identidade pautada em novos laços de amizade e irmandade. Essa nova família na qual o recém-membro é inserido possui características próprias, vocabulários, regras e costumes, que além de produzir *habitus*, produz também a sensação de pertencimento àquele meio, uma construção da identidade através, ou, a partir do grupo.

Embora o mundo pós-moderno seja caracterizado pelas identidades múltiplas, não fixas e passíveis de transformação, como afirma Hall (2006), devido ao impacto que a globalização produz sobre a identidade cultural, o fundamentalismo religioso parece caminhar na contra mão dessa flexibilização e multiplicidade identitária. De acordo com Hall:

(...) existem também fortes tentativas para se reconstruírem identidades purificadas para se restaurar a coesão, o fechamento e a tradição frente ao hibridismo e à diversidade. Dois exemplos são o ressurgimento do nacionalismo na Europa Oriental e o crescimento do fundamentalismo. (HALL, 2006, p.92)

A identidade coletiva que o fundamentalismo religioso cristão constrói tem como base interpretações a respeito das leis de Deus feitas, geralmente, por uma instituição, ou mesmo um grupo seletivo, “uma autoridade definida que atua como intermediária entre Deus e a humanidade” (CASTELLS, 1999). Assim, ao ser inserido num grupo fundamentalista como

¹¹ R.C. em entrevista, em 03 de julho de 2009. Além dessa denominação ser feita pelos membros em entrevistas ou conversas prévias, algumas literaturas também trazem esse termo.

as Testemunhas de Jeová, as outras identidades construídas pelo sujeito ao longo de sua história acabam sendo subordinadas à identidade do grupo; ele passa a ser uma Testemunha de Jeová e como tal, todas as suas ações giram em torno daquilo que é característico de um membro da Organização.

O sentimento de pertencimento ao grupo, visto como a família de Deus, os laços de solidariedade produzidos, a própria designação de irmãos, feita pelos membros ao se reportar uns aos outros são partes integrantes desta nova identidade. Em muitas entrevistas feitas com os fiéis, em vários momentos, ao falar sobre o grupo ou em nome deste, o entrevistado usava a seguinte expressão: “nós, povo de Jeová, ou nós da Organização de Jeová”¹². Sempre o pronome pessoal na primeira pessoa do plural era utilizado, como uma forma de expressar esse pertencimento e ao mesmo tempo demonstrar a construção de uma identidade coletiva que o grupo se propõe a fazer.

Materiais impressos não faltam para construir essa identidade-Testemunha de Jeová no fiel. Todos estes tem como base os escritos bíblicos, sob a interpretação da Torre de Vigia, que enfatizam a importância da união dos membros do grupo, da convivência para além das reuniões no Salão do Reino, mas também, em momentos de lazer, de práticas de esporte, por exemplo. Com isto, o grupo acaba se fechando em si, o que contribui para a manutenção do poder simbólico da Organização Torre de Vigia, do não questionamento sobre ensinamentos e práticas reproduzidos por eles, característica mais uma vez do fundamentalismo religioso presente no grupo, que faz com que eles não discutam “questões ligadas à fé com ninguém que esteja comprometido com a autoridade de seu grupo” (CASTELLS, 1999).

No livro, *Escute o Grande Instrutor*, de 1971, é dito o seguinte, no capítulo intitulado *Amemos nossos irmãos e nossas irmãs*:

A Bíblia diz que os cristãos têm muitos mais irmãos e irmãs do que apenas os que moram na mesma casa com eles. Sabe quem são? Jesus disse: “Aquele que faz a vontade de meu Pai no céu é meu irmão e minha irmã”. Isto significa que todos os que fazem a vontade de Deus são irmãos e irmãs. São uma família especial de irmãos e irmãs. Sabia disso? Mateus 12:50. (Torre de Vigia, 1971, pp. 81-82)

¹² R.C., em 03 de julho de 2009

Mas, o que é ser uma Testemunha de Jeová? Quais os *caminhos* para se tornar uma Testemunha? Como toda construção, seja de uma casa ou de identidades, ela é processual e, no caso da identidade religiosa, perpassa por alguns rituais, como o batismo, no caso em questão. Segundo RIOS (2012:74): “O batismo, por exemplo, é uma das formas de se observar como uma pessoa procura se reconfigurar em sua história de vida. As simbologias são partes dos rituais e tem significado que pretende produzir realidades.”

Desta forma, para se tornar uma Testemunha é preciso passar pelo ritual do batismo. Antes dele, a pessoa é apenas um estudante da Bíblia, podendo sair juntamente com o grupo no serviço de campo, como um publicador não batizado, mas é com o batismo que ele é de fato inserido na família da fé, em um *novo mundo*, construído a partir dessa família. Em todas as entrevistas feitas, quando perguntado sobre como foi o processo de conversão, os entrevistados faziam a ressalva de, ao invés da palavra conversão, a utilização da palavra batismo, pois em seu grupo uma pessoa só se torna Testemunha de Jeová após esse ato.

No entanto, para se chegar ao batismo, não basta apenas estudar a Bíblia, sob a orientação de um instrutor, como é chamada os fiéis que fazem os estudos bíblicos com os não batizados, mas, ao longo desse processo de aprendizado, o estudante deve demonstrar comprometimento e avanço em relação aos assuntos estudados, suas doutrinas, mas também sobre a Organização, as regras e costumes que a envolvem, desde a utilização da pasta até a rejeição à transfusão de sangue. Esta pessoa deve demonstrar também as mudanças em relação ao seu comportamento, para depois ser batizada.

Ao estudar os Batistas na cidade de Serrolândia, no capítulo que trabalha sobre a simbologia do batismo nesta denominação protestante, Rios Junior enfatiza que,

Após aceitar os “desígnios divinos” como o motor da vida, “convertendo-se e livrando-se dos vícios do mundo”, através da “preparação com estudo da Bíblia” e dos fundamentos da Denominação Batista, é que a pessoa poderia passar pela etapa mais decisiva e definitiva de um cristão: o batismo. (RIOS JUNIOR, 2012, p.77)

Essa nova vida que o batismo traz inclui novos irmãos e irmãs, novas atitudes, novos valores, que são trabalhados coletivamente e continuamente. Ele traz a responsabilidade de fazer parte de fato desse novo grupo e, por isso, a preocupação de que os membros, que se

transformam em irmãos uns dos outros, sirvam de exemplo positivo para o grupo e para a sociedade também. Desta forma, a família da fé também exerce o papel de vigilância e controle de seus membros

Considerações finais

O estudo sobre representações de família entre as Testemunhas de Jeová em Santo Estevão/Ba (1970-2001) apresenta inúmeros desafios e possibilidades, principalmente por se tratar de um estudo sobre família e religião e como estas duas importantes instituições sociais utilizam o discurso uma da outra, para a auto-preservação.

Os estudos da Sociologia da Religião sobre família e religião colaboraram para esse trabalho, referenciais teóricos, como Pierre Bourdieu e os conceitos de campo e de representações, para compreender as estruturas internas do campo religioso santo-estevense, bem como as relações de poder dentro do grupo Testemunhas de Jeová e da legitimação do discurso da Torre de Vigia, através da produção de *habitus* entre seus fiéis.

A História Cultural também colaborou para este estudo, principalmente, por perceber e trazer à tona o sujeito, suas vivências, experiências, que interferem e colaboram em seu processo de apropriação do discurso, no caso, do discurso da Torre de Vigia.

As representações de família pautadas na hierarquização entre os sexos, com papéis bem definidos para homens e mulheres se constituem numa tentativa de manter o conservadorismo social, o modelo patriarcal de família, descaracterizando assim, através de um discurso conservador, toda uma luta de movimentos feministas, por exemplo, nas décadas de 1970 a 1990, de contestação desses papéis de gênero, a partir da crítica a este modelo patriarcal.

A visão de mundo e a construção de uma identidade coletiva entre as Testemunhas de Jeová são marcadas pelo ritual do batismo, no qual o fiel, a partir daquele momento, se torna membro, irmão ou irmã. Antes ele ou ela era apenas um estudante da Bíblia, mas a partir deste ato público, ele passa a ser de fato uma Testemunha de Jeová. O fiel, então, abraça mais que uma fé, mas um estilo de vida, uma nova forma de enxergar o mundo.

Referências Bibliográficas:

- ANJOS, Sara Silva dos. O papel da mulher na expansão e consolidação da Assembléia de Deus em Feira de Santana (1949-1980). (Dissertação de Mestrado), UFBA, Bahia, 2008.
- BORNHOLDT, Suzana Ramos Coutinho. "Proclamadores do Reino de Deus": Missão e as Testemunhas de Jeová. (Dissertação de Mestrado em Antropologia Social), UFSC, Florianópolis, 2004.
- BOURDIEU, Pierre. A Economia das Trocas simbólicas. São Paulo. Perspectiva, 1999.
- BOURDIEU, Pierre. O poder Simbólico. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.
- CASTELLS, Manuel. *O poder da Identidade*. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- CASTRO, Eduardo Góes de. *A Torre sob Vigia: as Testemunhas de Jeová em São Paulo (1930-1954)*. São Paulo: USP, 2007.
- CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações, Memória e Sociedade*. São Paulo: Difel, Editora Bertrand Brasil, 1990.
- D'AEBS, Bianca Almeida e SILVA, Elizete da. Mulheres protestantes: uma trajetória nem sempre submissa. In: ALMEIDA, Vasni de, SANTOS, Lyndon Araújo dos, SILVA, Elizete da, (Org). "Fiel é a palavra": leitura histórica dos evangélicos protestantes no Brasil. Feira de Santana: UEFS Editora, 2011, p. 337-384.
- DIAS, Caroline Luz e Silva. *Os neopentecostais em Feira de Santana: "da visão celular no modelo dos 12 ao mover celular do fruto fiel"*. Feira de Santana: UEFS, 2009
- DUARTE, Luiz Fernando Dias; HEILBORN Maria Luíza; BARROS Myriam Lins de e PEIXOTO Clarice (orgs). *Família e Religião*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2006.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- JUNIOR, Jairo Soares Rios. *Narrativas de fé e outras histórias dos batistas em Serrolândia*. Santo Antônio de Jesus: UNEB, 2012
- MACHADO, Maria das Dores. Carismáticos e pentecostais: adesão religiosa na esfera familiar. Campinas: Ed. Autores Associados/ANPOCS, 1996
- PERROT, Michelle. Os excluídos da História: operários, mulheres e prisioneiros. Paz e Terra, SP: 2010.
- ROMERO PUGA, Juan Carlos. *Los voceros del fin del mundo: los testigos de Jehová: discurso y poder!* Juan Carlos Romero Puga y Héctor Campio López. 1ª ed – Buenos Aires: Libros de la Araucaria/ Publicaciones Para el Estudio Científico de las Religiones, 2010.
- SOUZA, Sandra Duarte de (Org). *Gênero e religião no Brasil: ensaios feministas*. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2006.
- SOUZA, Sandra Duarte e LEMOS, Carolina Teles. A casa, as mulheres e a Igreja: relações de Gênero e Religião no contexto familiar. São Paulo: Fonte Editorial, 2009.

TEIXEIRA, Marly Geralda. *Os batistas na Bahia: 1882-1925*. Um estudo de História Social. (Dissertação de Mestrado) Salvador, Universidade Federal da Bahia, 1975.